

V Congresso da Geografia Portuguesa
Guimarães - Outubro 2004

FIXOS E FLUXOS ESPACIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: O MODELO “IDENTERRA”

Zoran Roca

CEGED - Centro de Estudos de Geografia e Desenvolvimento
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
<http://ceged.ulusofona.pt>

Maria de Nazaré Oliveira Roca

e-GEO – Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional
Universidade Nova de Lisboa
www.e-geo.fsch.unl.pt

A paisagem é o meio pelo qual a identidade territorial é construída: é ao mesmo tempo representação mental e materialidade (Mitchell, 1991).

Ameaças à singularidade paisagística e, *ipso facto*, à identidade territorial:

- “desterritorialização” e “multiterritorialidade” (Barel, 1986)
- “compressão espaço-tempo” (Harvey, 2003)
- “reterritorialização (Haesebaert, 1997)
- “glocalização” (Benko, 2000)
- “fim dos territórios” (Badie, 1995)
- etc.

Desde os anos 90, reitera-se que é preciso:

- combater a artificialização da natureza, a descaracterização de paisagens, a homogeneização dos territórios etc., e , ao mesmo tempo,
- (re)afirmar a identidade dos lugares e regiões como uma pré-condição para a sua competitividade económica e cultural no mercado globalizado de bens, serviços e ideias.

Zelar pela identidade territorial tem sido cada vez mais encarado como essencial para a sustentabilidade do desenvolvimento local e regional na época da globalização acelerada.

Contudo, há um fosso entre a retórica em prol da identidade e a prática, ou seja, o reforço e promoção da identidade territorial é muito mais ficção do que realidade: rápidas e profundas mudanças nas paisagens, provocadas pela diversidade de interesses e desigualdades nas relações de poder entre actores locais e globais, cada vez mais enfraquecem as perspectivas de um desenvolvimento territorial sustentável.

Razões que explicam o fosso entre a retórica em prol da identidade e a realidade:

- diversidade de significados que são atribuídos à noção de identidade territorial (Castells 2003) e, conseqüentemente, ambigüidade de interpretação sobre a sua importância para o desenvolvimento local e regional;
- prevalência da perspectiva macroscópica e das abordagens de “cima para baixo” do desenvolvimento (Hadjimichaelis, 1994), e conseqüentemente, a falta de consciencialização sobre o papel dos actores de desenvolvimento na (re)criação e/ou perda das identidades territoriais.

Portanto, o verdadeiro desafio é transformar o conceito de identidade territorial numa categoria analítica, o que ainda não foi conseguido.

IDENTERRA é um modelo conceptual-metodológico, elaborado no âmbito do projecto FCT Sapiens/POCTI 2002 do CEGED/ULHT, em colaboração com e-GEO/UNL, para o estudo da identidade territorial como uma questão de desenvolvimento local e regional.

O modelo assenta na:

- desagregação de três conceitos-chave – “identidade territorial”, “actores de desenvolvimento” e “nexo local/global” – através de sua decomposição em dimensões e/ou elementos discerníveis e mensuráveis;
- integração de abordagens "de cima para baixo" e "de baixo para cima", baseadas em complementaridades entre métodos e instrumentos de investigação macroscópicos (de gabinete) e “grassroots” (de campo).

FIXOS ESPACIAIS

(materializados, enraizados e ancorados territorialmente)



RECURSOS NATURAIS

A totalidade de bens naturais renováveis ou finitos que as pessoas usam e/ou consideram relevantes para o desenvolvimento.



RECURSOS HUMANOS

A totalidade das características biológicas, sociais, culturais económicas estruturais e dinâmicas da população, valorizadas ou potenciais para o desenvolvimento.



RECURSOS EDIFICADOS

A totalidade de construções e outros objectos que constituem os aglomerados humanos, infra-estruturas e equipamentos sociais e económicos, vias de comunicação e transportes, etc.



PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL

Todos os elementos naturais (solo, água, flora, fauna, etc.) e todos os bens resultantes da acção humana (bens naturais modificados, construções, artefactos, etc.) cuja importância é reconhecida pelas pessoas de um determinado território (lugar, região, país, continente) e/ou pela Humanidade.

FLUXOS ESPACIAIS

(movimentos, redes, sistemas territoriais e funcionais)

— NATUREZA





↘ SOCIEDADE

| ECONOMIA

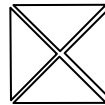
↗ CULTURA

Os movimentos, actividades e relações naturais (bio-geo-físicos) e sociais dentro e/ou fora de redes e sistemas horizontais (territoriais) e verticais (funcionais) que determinam, por um lado, o funcionamento da natureza e, por outro, da sociedade, economia e cultura de um determinado território e entre territórios.

FIXOS ESPACIAIS

-  RECURSOS NATURAIS
-  RECURSOS HUMANOS
-  RECURSOS EDIFICADOS
-  PATRIMÓNIO
NATURAL E CULTURAL

PAISAGEM



Conjunto de fixos naturais e criados, detectáveis visualmente, que marcam o espaço (território) geográfico.

Conjuntos de fixos espaciais constituem **paisagens naturais** (primárias ou modificadas, preservadas ou degradadas, etc.), **culturais** (agrícolas, industriais, rurais, urbanas, etc.) ou **mistas**.

FLUXOS ESPACIAIS





-  NATUREZA
-  SOCIEDADE
-  ECONOMIA
-  CULTURA

MODOS DE VIDA

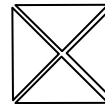


Padrões de uso dos recursos naturais, humanos e edificados condicionados pela sociedade, economia e cultura a todos os níveis (indivíduo, família, comunidade, nação).

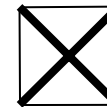
FIXOS ESPACIAIS

-  RECURSOS NATURAIS
-  RECURSOS HUMANOS
-  RECURSOS EDIFICADOS
-  PATRIMÓNIO
NATURAL E CULTURAL

PAISAGEM




IDENTIDADE TERRITORIAL



Um conjunto de fixos e fluxos que caracteriza uma espaço geográfico.

Também, singularidade do espaço geográfico em termos de paisagens e modos de vida.

FLUXOS ESPACIAIS

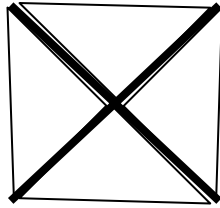
-  NATUREZA
-  SOCIEDADE
-  ECONOMIA
-  CULTURA

MODOS DE VIDA



IDENTIDADE TERRITORIAL OBJECTIVA

(factual, verificável)

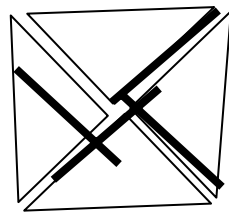
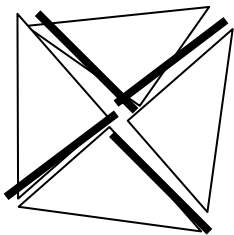


A identidade territorial objectiva é constituída por fixos e fluxos visíveis e não visíveis, tanto materiais como não materiais, passíveis de registo e verificação através de dados e imagens.

Inclui características das paisagens naturais e culturais, registos de geo-símbolos e sinais mnemónicos no caso dos fixos e, no caso dos fluxos, de actividades, redes e sistemas geofísicos, socioeconómicos, culturais, tecnológicos, políticos e outros, que definem modos de vida de um determinado território.

IDENTIDADE TERRITORIAL SUBJECTIVA

(percebida, interpretada e imaginada)



Vivenciada
(praticada)

Pretendida
(reivindicada)

Os fixos e fluxos vivenciados e pretendidos da identidade territorial podem ser avaliados do ponto de vista das diferenças entre os actores de desenvolvimento, relativamente a interesses económicos, culturais e outros, a relações de poder, bem como o sentido de pertença territorial.

N.B.: A materialização da identidade pretendida contribui para a (re)criação/consumo da identidade territorial objectiva.

Desagregando “actores de desenvolvimento”

ACTORES INDIVIDUAIS

- activistas da sociedade civil (da protecção ambiental, dos direitos humanos, etc.)
- activistas do desenvolvimento (por tipo e experiência)
- agricultores de subsistência/familiares (por tipo e tecnologia)
- artistas (cultura popular e de massas)
- comerciantes (grandes, médios e pequenos)
- desempregados
- docentes (por área de especialização)
- empregados (por sectores de actividade e qualificações)
- empresários (por sectores de actividade e dimensão da empresa)
- estudantes
- jornalistas (meios de comunicação locais e regionais)
- líderes políticos
- líderes religiosos
- migrantes regressados (por origem)
- novos residentes (nacionais e estrangeiros)
- pequenos produtores industriais (por tipo e tecnologia)
- proprietários (por dimensão e uso do solo)
- reformados
- residentes que trabalham em outros territórios
- turistas (nacionais e estrangeiros)
- outros

ACTORES INSTITUCIONAIS

- agências de desenvolvimento local e regional
- associações cívicas modernas
- associações cívicas tradicionais
- associações de empresários e cooperativas de produtores (por sectores de actividade e dimensão)
- companhias de transportes
- empresas (por sectores de actividade e dimensão)
- firmas comerciais
- firmas de turismo e lazer
- instituições culturais (museus, teatros, bibliotecas, etc.)
- instituições educacionais (escolas, universidades, politécnicos, etc.)
- instituições financeiras
- instituições governamentais (locais, regionais, nacionais)
- instituições internacionais
- Instituições de informação e comunicação social
- outros

Desagregando “actores de desenvolvimento”

Actores de desenvolvimento por duração de sua presença num determinado território

- antigos vs. novos
- permanentes vs. temporários
- “em extinção” vs. emergentes

Actores de desenvolvimento pela área geográfica de origem

- endógenos (locais e regionais)
- exógenos (nacionais, internacionais)

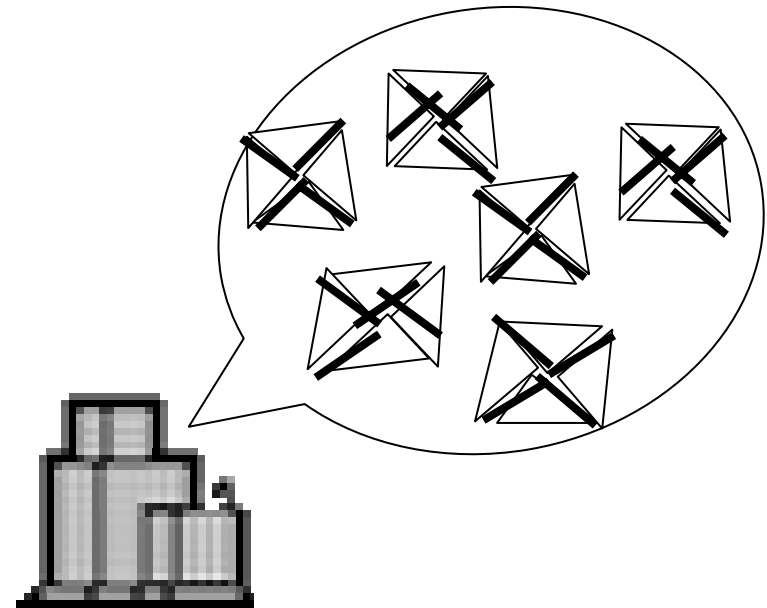
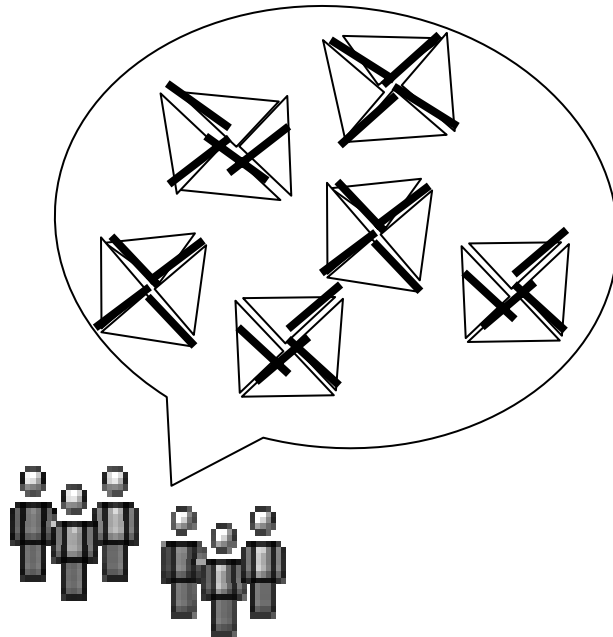
Actores de desenvolvimento pelo âmbito geográfico de actuação

- locais
- regionais
- nacionais
- internacionais
- mistos

Actores vs. Agentes de Desenvolvimento

ESTUDOS “CAP”

Análise dos conhecimentos, atitudes e práticas (cap) dos actores e agentes relacionados com a (re)produção/consumo da identidade territorial, ou seja, das paisagens e dos modos de vida.



Desagregando o nexo local/global

O nexo local/global desagrega-se em:

- quatro tipos principais de fixos e fluxos condicionados pela globalização:
 - ✓ naturais
 - ✓ económicos
 - ✓ sociais
 - ✓ culturais
- efeitos detectáveis e mensuráveis da globalização nas paisagens e modos de vida em termos de características da identidade objectiva e das suas representações, ou seja da identidade subjectiva.

Desagregando o nexu local/global

Efeitos da globalização no ambiente natural local:

- destruição vs. conservação dos recursos e paisagens naturais
- degradação vs. recuperação dos recursos e paisagens naturais
- descaracterização vs. revalorização dos recursos e/ou paisagens naturais
- conflitos vs. sinergias entre a economia e a gestão dos recursos naturais
- falta vs. aumento da competitividade dos recursos e paisagens naturais
- etc.

Efeitos da globalização na sociedade local:

- inovação social v. estagnação
- segregação/marginalização/exclusão vs. coesão/integração/inclusão
- falta vs. promoção de conhecimentos/qualificações
- “assistencialismo” vs. espírito empreendedor
- envelhecimento vs. rejuvenescimento da população
- consumismo vs. consciência ambiental
- crises vs. sinergias sociais
- etc.

Desagregando o nexo local/global

Efeitos da globalização na economia local:

- recessão vs. expansão
- meios de produção tradicionais vs. modernos
- ausência vs. diversificação de actividades e produtos
- ausência vs. adopção de inovações (tecnológicas) e empreendedorismo
- ausência vs. acesso a mercados externos
- ausência vs. acesso a investimentos externos
- ausência vs. acesso à informação
- dependência externa vs. auto-suficiência
- etc.

Efeitos da globalização na cultura local:

- descaracterização vs. preservação e/ou recuperação de paisagens culturais urbanas, rurais e outras
- homogeneização e padronização vs. diversificação e revitalização
- tradicionalismo vs. modernismo
- localismo vs. cosmopolitismo
- imitação vs. criatividade
- isolamento vs. colaboração em rede das diásporas culturais
- etc.

Desagregando o nexu local/global

**FIXOS E FLUXOS ESPACIAIS
GLOBAL(IZADOS)**



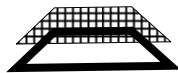
NATUREZA



SOCIEDADE

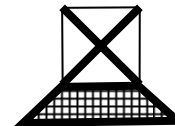
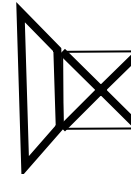


ECONOMIA

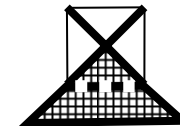
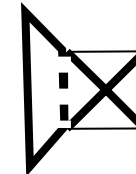
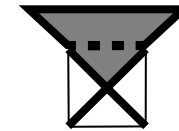


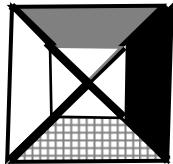
CULTURA

**SEM EFEITOS
LOCAIS**

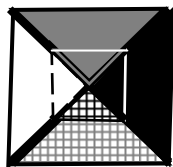


**COM EFEITOS
LOCAIS**





Identidade territorial totalmente isolada dos processos de globalização



Identidade territorial totalmente integrada nos processos de globalização

MÉTODOS “DE CIMA PARA BAIXO” (“TOP DOWN”)

Fontes secundárias e remotas de dados e imagens

Trabalho de gabinete:

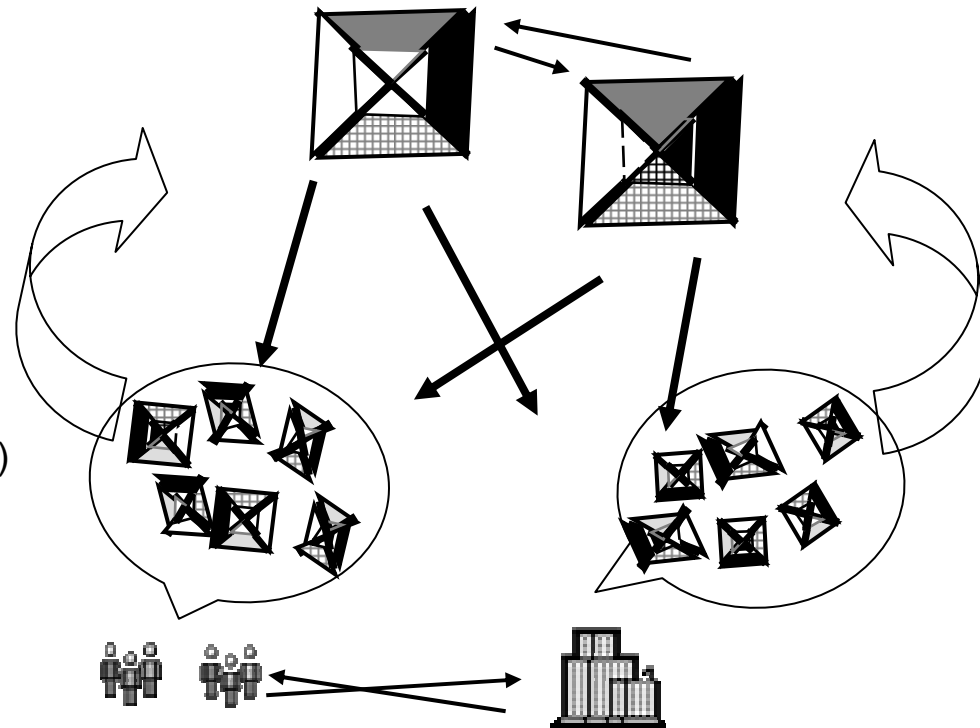
- bibliografias anotadas
- diagnósticos regionais e locais
- banco de dados e imagens georeferenciados;
- cartografia temática
- etc.

MÉTODOS “DE BAIXO PARA CIMA” (“BOTTOM UP”)

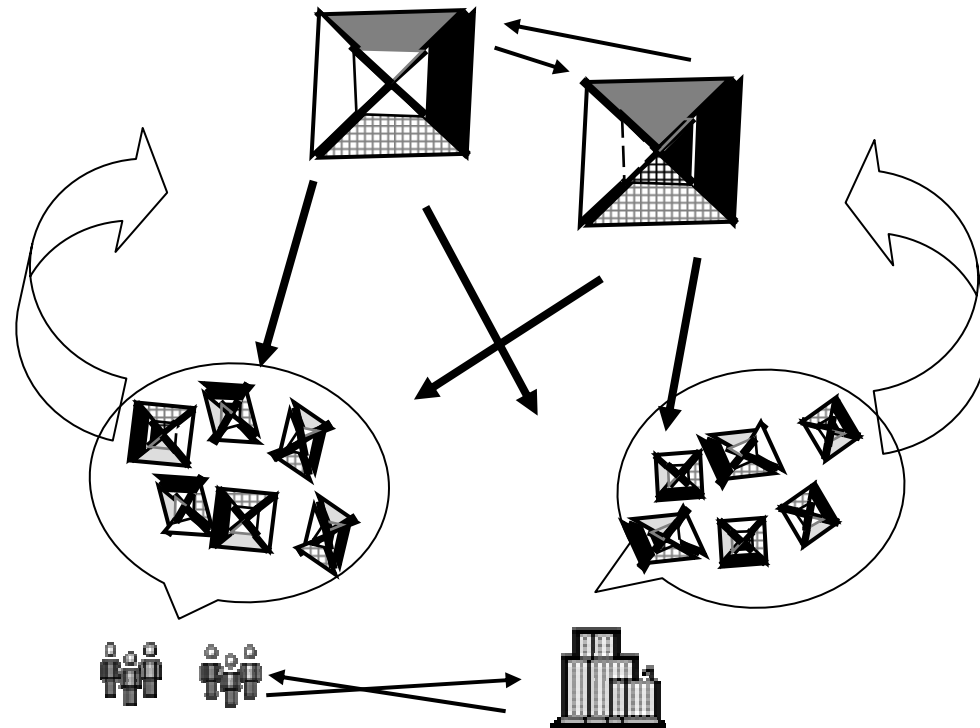
Fontes primárias e *in situ* de dados e imagens

Trabalho de campo

- recolha de documentação “cinzenta”
- métodos participativos – estudos “cap” (sondagens/inquéritos, entrevistas, *workshops*, seminários, s);
- documentação fotográfica e audiovisual
- etc.



Os resultados da aplicação integrada de métodos e instrumentos “de cima para baixo” e “de baixo para cima” permitirão **detectar e avaliar as sinergias e os conflitos**, existentes e potenciais (por ex., rurais vs. urbanos, empresariais vs. sociais, económicos vs. ambientais, etc.), entre os actores de desenvolvimento locais e globais/globalizados, no **consumo e produção das componentes da identidade territorial**, relacionados com a paisagem e os modos de vida.



O Modelo IDENTERRA poderia trazer uma mais valia para a investigação da paisagem.

Do ponto vista teórico, pode oferecer uma nova interpretação empírica e transdisciplinar

- das “paisagens como parte da cultura hegemónica” (Cosgrove, 1983);
- dos “fluxos globalizados e da reterritorialização” (Haesbaert, 1997);
- da “identidade coerente e do equilíbrio entre a paisagem real e a representada” (Harner, 2001);
- das distinções entre regiões “na mente” e “da mente” (Agnew, 1999);
- das “identidades mutáveis dos actores económicos” (Yeung, 2003);
- da “construção das identidades locais quando o mundo se torna grande demais para ser controlado e os actores sociais passam a ter como objectivo fazê-lo regressar ao tamanho compatível com o que podem conceber” (Castells, 2003).

Conclusão

Do ponto de vista prático, os estudos da paisagem relacionados com a identidade territorial como um recurso do desenvolvimento local no contexto da economia e cultura globalizadas poderiam ser relevantes para o planeamento e implementação de programas e projectos que visam, por exemplo:

- o fortalecimento do “sentido de pertença a um lugar”, fundamental para a coesão das forças endógenas e exógenas tendo em vista a valorização dos patrimónios natural e cultural;
- o aumento da “atractividade territorial” (natural, estrutural, sociocultural, económica, etc.), decisiva para a fixação de novas actividades económicas e para a inovação social.

Referências Bibliográficas

- Agnew, J. (1999) Regions on the Mind does not Equal Regions of the Mind. *Progress in Human Geography*, 23 (1). pp.101-110.
- Badie, B. (1995) *La fin des territoires*. Paris: Fayard
- Benko, G (2000) La recomposition des espaces. *Agir - Revue général de stratégie*. Nº.5, pp.11-18.
- Castells, M. (2003) *O Poder da Identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Cosgrove, D. E. (1998) Cultural Landscapes. In Unwin, T. (ed.) *A European Geography*. Harlow: Addison Wesley Longman Ltd. pp.65-81.
- Haartsen, T., Groote, P., Huigen, P.P.P. (2000) *Claiming Rural Identities*. Assen: Van Gorcum.
- Hadjimichalis, C. (1994) Global-Local Conflicts: Examples from Southern Europe. In Amin, A. and Thrift, N. (eds.) *Globalisation, Institutions and Regional Development in Europe*. Oxford University Press. pp. 237-256.
- Haesbaert, R. (1997). Dês-territorialização e Identidade: a Rede "Gaúcha" no Nordeste. Niteroi: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Harner, John (2001) Place Identity and Copper Mining in Sonora, Mexico. *Annals of the Association of American Geographers*, 91 (4), pp. 660-680.
- Harvey, D. (2003) *The New Imperialism*. Oxford. Oxford University Press.
- Mitchell, D.(1991) *The Lie of the Land: Migrant Workers and the California Landscape*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Santos, M. et al (ed.) (1994) *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Editora Hucitec
- Yeung, H.W. (2003) Practicing New Economic Geographies: A Methodological Examination. *Ann American Geographers*, 93 (2). pp. 442-462.

Glossário IDENTERRA

Actores de desenvolvimento: Todos os indivíduos ou grupos de pessoas e instituições que estão expostos a perdas ou ganhos, directa ou indirectamente, perante um percurso ou actividade de desenvolvimento.

Agentes de desenvolvimento: Todos os indivíduos ou grupos de pessoas e instituições empenhados em contribuir para a melhoria da qualidade de vida de um território com base no conhecimento (avaliação) qualificado das questões e problemas do desenvolvimento.

CAP: Conhecimentos, atitudes e práticas dos actores e agentes relativamente aos fenómenos e/ou processos de mudança social, económica, ambiental, etc. Os estudos "cap" ajudam a diagnosticar disparidades entre as esferas cognitiva e comportamental.

Cosmopolitismo: Tipo de associação civil global, baseada na confiança activa e democracia dialógica, que promove a apreciação positiva da diferença.

Cultura

O sistema de produção, troca e expressão de significados partilhados pelas pessoas que pertencem à mesma comunidade (do local ao global) que é usado para ajudá-las a interpretar o mundo e fazê-lo ter sentido.

Desenvolvimento: Mudanças ambientais, sociais, económicas, culturais e outras que resultam na elevação dos níveis de bem-estar das pessoas.

Desenvolvimento territorial (regional): A valorização dos fixos e fluxos que resultam em níveis mais elevados das condições de vida em um território.

Economia: Organização social que assenta na produção, troca e distribuição de bens e serviços.

Geo-símbolos: Gravações das formas, processos e contextos contínuos (passados e actuais) num território, como, por exemplo, solos, montanhas, rios, praias, florestas, povoações urbanas e rurais, pontes e estradas, cultivos, edifícios, tecnologias, etc.

Globalização: Diminuição acelerada dos constrangimentos geográficos sobre processos sociais, económicos, culturais e ambientais, em que os indivíduos se consciencializam cada vez mais dessa redução; interdependência crescente, a nível mundial, de tendências, problemas, modos de vida, e de decisões.

Identidade territorial: Um conjunto de fixos e fluxos que caracteriza uma unidade territorial; singularidade territorial em termos de paisagens e modos de vida.

Região: Espaço geográfico (território) que se distingue formalmente (pela distribuição) ou vernacularmente (por percepção) de outros espaços geográficos (vizinhos ou distantes) pelas suas características bio-geo-físicas, sociais, económicas, culturais, políticas e administrativas (limites).

Sentido de pertença territorial: Ligações emotivas de pessoas a paisagens e modos de vida a um determinado espaço geográfico.

Sinais mnemónicos: Elementos materiais ou não materiais que remetem para processos e contextos históricos impressos/implantados no território ou na memória colectiva (por ex., pontes e estradas antigas, remanescentes de actividades sociais e económicas abandonadas, património cultural e edificado, lendas, rituais, etc.).

Território: Uma unidade de espaço geográfico que é valorizada e/ou controlada por seus ocupantes ou por aqueles que a definem.